

A TRAJETÓRIA POLÍTICA E INTELECTUAL DE LÉLIA GONZALEZ SOB UMA PERSPECTIVA BIOGRÁFICA E AS POSSIBILIDADES DE CONEXÃO ENTRE DIFERENTES GRAFIAS DA VIDA)¹

Ana Carolina dos Reis Fernandes (PPGCSO-FCL- Unesp/Araraquara)

Profª Drª Ana Lúcia de Castro (PPGCSO- FCL- Unesp/Araraquara)

Palavras - chave: biografias, trajetórias, lugares de fala

O trabalho que segue é fio metodológico que conduz a pesquisa intitulada *Vozes de Lélia: ecos da “vida - liberdade” no feminismo negro no Brasil*², cuja abordagem principal é articular a trajetória política e pessoal da intelectual brasileira Lélia Gonzalez, com diferentes trajetórias de mulheres ativistas, ressaltando por meio de suas vozes e da grafia da vida, a importância da etnografia para a compreensão não apenas de um “universo” individual³, mas também das possibilidades existentes no mesmo, no que toca suas contribuições para as transformações sociais e políticas.

Os principais instrumentos (grafias) dos quais dispomos, no universo empírico da pesquisa, são a fala e a escrita, meios pelos quais buscaremos, primeiramente, revisitar a história de vida e a produção intelectual de Lélia Gonzalez, a partir de seus diversos textos, artigos e entrevistas deixadas e, num segundo momento, por meio do testemunho de vida das demais interlocutoras, ativistas tanto no movimento de mulheres quanto na política institucional e, a partir destes dois recursos, buscaremos apresentar os entrecruzamentos possíveis que conectam as diferentes trajetórias, mesclando elementos fundamentais para a construção do feminismo negro.

Além desta interlocução, temos no trabalho um terceiro sujeito que se apropria da escrita e dialoga com as falas e com a literatura para também tecer este texto, qual seja: a autora que, de certa forma, se insere na pesquisa não apenas por meio da relação clássica

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

² Tese de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unesp, campus de Araraquara.

³ Biografia e autobiografia teriam como referência a vida – parte constitutiva da etimologia dessas palavras, ou seja, grafia da vida, grafia da minha vida –, mas um malabarismo semântico terminou por conotar o termo “vida” com o significado de indivíduo. KOFES; MANICA, 2015 p. 20

pesquisador/objeto que não cabe nesta produção, mas através de seu lugar de fala também afetado e compartilhado pelas diferentes trajetórias que cruzam este caminho etnográfico.

A proposta desta pesquisa, em sua totalidade, é apresentar os entrecruzamentos existentes entre diferentes trajetórias, ouvidas por meio de testemunhos, do “falar de si mesma” das interlocutoras que se dispuseram a contribuir com esta troca e, uma pergunta chave essencial para o desenvolvimento deste percurso é: “o que uma biografia conecta?” e a partir deste ponto, visitamos a múltiplas possibilidades da escrita da vida para o fazer antropológico.

Neste caminho, algumas categorias foram tomadas como base para compreendermos as conexões existentes entre as diferentes trajetórias das mulheres feministas negras, categorias que estão presentes tanto na construção epistemológica do feminismo negro, quanto nas experiências cotidianas, ou no *saber naturalizado*, parafraseando Hill Collins. São elas: memória, narração (oralidade), ancestralidade e interseccionalidade. As duas últimas não serão desenvolvidas no presente texto, mas ressaltamos a importância delas enquanto articuladoras desta pesquisa.

Subjetividade e política na trajetória de Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez foi uma grande ativista intelectual conforme expressão apresentada por Patricia Hill Collins em *Pensamento Feminista Negro*, visto que sua intelectualidade é politicamente engajada.

A produção da autora floresceu em um contexto no qual a construção historiográfica brasileira estava sendo redesenhada por uma nova intelectualidade que assumia a responsabilidade de revisitar nossa formação social, apontando a importância da população negra enquanto sujeito político, e não apenas como capital humano decorrente do modo de produção escravista, tal como lido pelos clássicos do pensamento social brasileiro.

Neste contexto, Gonzalez levanta aspectos importantes acerca da condição das mulheres no país, chamando atenção para o modo como a categoria “raça” é considerada, devido a própria construção histórica, um ponto crucial na estigmatização destas identidades.

A autora possui uma relevante produção que inclui artigos acadêmicos, manifestos produzidos para revistas e jornais (como *Majoria Falante*, *Jornal Raça e Classe e Mulherio*), além de livros e entrevistas.

Falar sobre Lélia Gonzalez, revisitar sua produção intelectual e política a partir de sua escrita da vida é conhecer todo o legado de uma geração que vivenciou o regime militar e a abertura democrática e, sobretudo, o legado das mulheres negras, símbolos de resistência nesta história.

E, a partir de então, podemos fazer a leitura sobre a construção de um movimento epistêmico que toma corpo na segunda metade do século XX, conflui com as lutas pela democracia e com os demais movimentos políticos e sociais em polvorosa naquele período e deixa como herança os discursos, as muitas trajetórias (biografias) e as lutas sociais na contemporaneidade, sobretudo em um contexto no qual o nosso jovem sistema democrático encontra-se em uma linha tênue com a versão mais amarga do conservadorismo.

Nascida em uma família pobre, de pai negro e mãe mestiça, Lélia foi a penúltima dos dezoito irmãos. A maioria deles não pode estudar, pois começou a trabalhar quando ainda muito jovem para ajudar na sobrevivência da família. Porém, com Lélia ocorreu de uma maneira diferente, como aponta a própria autora em uma entrevista concedida à *Revista de Estudos Feministas*:

Mas no meu caso o que aconteceu foi que, como uma das últimas, a penúltima da família, já tendo como companheiros de infância os meus próprios sobrinhos, quer dizer, a visão de meus pais com relação a mim já foi uma visão de neta, praticamente. Então, eu tive oportunidade de estudar, fiz jardim de infância ainda em Belo Horizonte, fiz escola primária e passei por aquele processo que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro, porque na medida em que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais a minha condição de negra. GONZÁLEZ, 1994, p.383

Deste modo, assim que Lélia inicia os estudos, começa também a se apropriar da ideologia do branqueamento, propagada pelo mito da democracia racial e reproduzida pelos discursos pedagógicos, direcionados às crianças desde cedo, como visto anteriormente. Lélia passou por um processo de refutação de sua própria identidade,

enquanto mulher negra, e acabou incorporando para si a ideologia da branquitude, como também afirma. Sua construção identitária foi bombardeada por esta ocidentalização cultural, que começou a ser repensada quando se casou com um homem branco.

Você enquanto mulher e enquanto negra sofre evidentemente um processo de discriminação muito maior. E é claro que, enquanto estudante muito popular na escola, como uma pessoa legal, aquela pretinha legal, muito inteligente, os professores gostavam, esses baratos todos ... Mas quando chegou a hora de casar, eu fui me casar com um cara branco. Pronto, daí aquilo que estava reprimido, todo um processo de internalização de um discurso "democrático racial" veio à tona, e foi um contato direto com uma realidade muito dura. A família do meu marido achava que o nosso regime matrimonial era, como eu chamo, de "concubinação" porque mulher negra não se casa legalmente com homem branco; é uma mistura de concubinato com sacanagem, em última instância. GONZALEZ 1994, p. 383-384.

A partir deste casamento inter-racial experienciado em sua vida, a autora toma consciência sobre a condição das mulheres negras, de modo geral, e de sua própria condição e parte em busca de uma nova afirmação identitária, rompendo com os estigmas postos pelo discurso hegemônico do colonizador (branco e eurocêntrico).

A partir daí fui transar o meu povo mesmo, ou seja, fui transar candomblé, macumba, essas coisas que eu achava que eram primitivas. Manifestações culturais que eu, afinal de contas, com uma formação em Filosofia, transando uma forma cultural ocidental tão sofisticada, claro que não podia olhar como coisas importantes. Mas enfim: voltei às origens, busquei as minhas raízes e passei a perceber, por exemplo, o papel importantíssimo que a minha mãe teve na minha formação. Embora índia e analfabeta, ela tinha uma sacação assim incrível a respeito da realidade em que nós vivíamos e, sobretudo, em termos de realidade política. E me parece muito importante eu chamar atenção para essa figura, a figura de minha mãe, porque era uma figura do povo, uma mulher lutadora, uma mulher inteligente, com uma capacidade de percepção muito grande das coisas e que passou isso para mim. GONZALEZ, 1994, p.384

Esta desconstrução do pensamento ocidental rumo à apropriação dos elementos culturais negros e indígenas vivenciada por Lélia em consideração às suas origens, acabou influenciando na construção de seu discurso político de resistência feminista.

Já no ano de 1975, as mulheres negras participavam de ações políticas que denunciavam sua situação subordinada na sociedade brasileira. A luta naquele momento

era contra o então fundado “mito da democracia racial” e, neste contexto, a identidade política negra, se fazia necessária e se corporificava através do Movimento Negro Unificado (MNU).

A partir deste momento histórico, Lélia problematizava questões relevantes a serem inseridas nas discussões do referido Movimento.

Deve o negro assimilar e reproduzir tudo que é eurobranco? Ou só transar o que é afronegro? Ou somar os dois? Ou ter uma visão crítica de ambos? Deve o negro lutar pra vencer na vida através de seu esforço pessoal para, desse modo, provar que é tão capaz quanto o branco? Ou lutar com e pelo conjunto da população negra? Juntamente com não-negros também oprimidos? Ou não? Por um espaço nesta sociedade? Ou pela transformação da mesma? Etc, etc, e tal.... Os diferentes tipos de respostas a essas questões, e muitas outras, acabam por remeter a gente a falar de movimentos negros... no Movimento Negro. Pois é. VIANA apud GONZÁLEZ, 2006, p.75-76

Além destas questões, a autora ressalta o reconhecimento da diversidade identitária, bem como de uma questão delicada que assolava a realidade do MNU em si mesmo: o sexismo.

Como aponta Viana (2006):

Contudo, embora houvesse a necessidade dessa afirmação política em relação à referida categoria, Lélia voltava seus olhares para o caso das mulheres negras, especificamente. Este fato a fez questionar o posicionamento sexista dos próprios militantes do MNU, o que levou ao rompimento com o grupo, alguns anos depois. A autonomia política das mulheres negras foi um divisor político dentro do próprio movimento. VIANA, p.76, 2006

E a partir deste “crivo”, Lélia e as companheiras do Movimento iniciam um novo questionamento político com relação a condição das mulheres negras naquela sociedade.

Foi a partir da convivência com essas irmãs, já no Movimento Negro Unificado, que passei a me preocupar e trabalhar a respeito de nossa especificidade. E neste trabalho, tem dado pra sacar, por exemplo, que pelo fato de não ter sido educada para se casar com um “príncipe encantado”, mas para o trabalho (por razões históricas e sócio-econômicas concretas), que a mulher negra não faz o gênero da submissa. Sua prática cotidiana faz dela alguém que tem consciência de que tem que batalhar pelo “leite das crianças” (como ouvimos de uma “mulata do sargeteli”), sem contar muito com o companheiro

(desemprego, violência policial e outros efeitos do racismo e também do sexismo). De fato, as últimas pesquisas efetuadas demonstram que, em matéria de mulher chefe de família, a mulher negra tá aí pra conferir. Gonzalez, 1982, p. 36

A formação de Lélia, enquanto historiadora e antropóloga, muito se soma às suas construções enquanto militante. Ao ter contato em suas viagens, com algumas culturas do continente africano, a pesquisadora encontra na ancestralidade uma forma de romper com as ideias eurocêtricas, que dão forma a visão dominante refletida na formação social do Brasil sobre os negros, enquanto sujeitos subjugados

O discurso de nossa interlocutora torna-se parte da crítica feminista terceiro-mundista, pois busca através de uma interpretação sobre si mesma enquanto mulher e negra, o fio condutor de uma interpretação histórica sobre as amefricanas, termo criado pela própria autora para desconstruir a produção colonialista, marcadamente presente em nossa sociedade, dando um significado próprio as identidades de homens e mulheres nascidos/as nas sociedades marcadas pelo processo colonizador.

A narrativa de si torna-se arcabouço para a construção do pensamento feminista negro, enquanto forma de reinterpretação da história das mulheres. Através da fala, da automeação, como reforça Giovanna Xavier (2019) é que temos uma forma de “dar sustentabilidade ao trabalho de reposicionar as narrativas de mulheres negras das margens para o centro da produção acadêmica e trabalhar para reeducar as relações de gênero e raça no Brasil”. (XAVIER, 2020 p. 92)

Lélia Gonzalez em meados dos anos setenta já evocava esta necessidade de falar de si, e da construção de saberes a partir de nossas experiências vividas. História de vida, subjetividade e formação política são temas que perpassam a produção intelectual da autora e que são deixadas de herança como alicerce para a construção do pensamento feminista negro e afrolatinoamericano em nossa atualidade.

Narrativa, memória e produção intelectual através da pesquisa biográfica

Faremos o exercício metodológico de situar a pesquisa biográfica a partir de discussões recentes sobre o tema e, a princípio, podemos notar a importância da interpretação biográfica para a compreensão de uma trajetória de vida, não no sentido de

individualidade que a expressão (biografia) acaba assumindo de modo distorcido - como se traçasse uma linearidade sobre a vida - mas também pelas possibilidades políticas e intelectuais que esta trajetória poderá apresentar.

Conforme apontam Kofes e Manica em *Vidas e grafias*, as próprias noções de vida, “indivíduo/ “pessoa”, anthropos/ethnos, podem ser ampliadas e tensionadas ao se pensar vidas e grafias na antropologia. KOFES; MANICA, 2015 p. 17

Desse modo, para além da leitura do indivíduo em si mesmo, devemos considerar que esse caminho, ou essa escrita (da vida) se dá sob diferentes circunstâncias, sentidos e contextos que, de modo consciente ou não, são levados em conta no ato de narrar e na recuperação de uma memória que irá ativar elementos cruciais para esta construção de si.

Uma biografia, portanto, articula diferentes elementos, tensionando assim o próprio *modus operandi* da pesquisa científica, ao pôr em xeque categorizações clássicas como: individual e coletivo e sujeito e cultura, por exemplo.

Ainda como aponta Kofes e Manica:

O que é fascinante notar nas narrações biográficas é como iniciam-se de maneira distinta, como configuram temas distintos: memória, migração, família, trabalho rural e urbano, produções de gênero, de falas, de maneiras particulares do uso da linguagem e formas narrativas, de crenças, religiosidade e personagens míticas, de atribuição de nomes e constituição de pessoas, de arte e de ciência. Essa relação entre biografia e narração, o nexos entre oralidade, escrita e visualidade, as interconexões do ato biográfico, retendo evocações e informações entre real (pessoa) e ficção (personagem), remetem ao estatuto ambíguo do fazer biográfico nas ciências humanas. KOFES, MANICA, 2015 p.37

Assim sendo, uma das questões centrais postas com a pesquisa biográfica é sobre a desestabilização dos lugares de “sujeito” e “objeto”, uma vez que entre a narração (a fala) de uma trajetória e a transcrição da mesma ocorre uma confluência dos sujeitos envolvidos no trabalho: pesquisador e pesquisados tornam-se interlocutores que definem os rumos que a pesquisa em si irá tomar, bem como as muitas possibilidades que uma biografia poderá conectar.

Não há, portanto, neste processo de trabalho, a neutralidade científica tal como posta pelos cânones da ciência ocidental, mas, em seu lugar, há um agenciamento de subjetividades que, necessariamente, afetarão a produção. (COLLINS, 2019)

E, partindo deste processo de interação, levando em conta as trajetórias de nossas interlocutoras⁴, dois elementos fundamentais devem ser considerados a princípio, neste percurso, tratam-se dos conceitos de *memória* e *narração*.

Para compreendermos o processo de narrativa de si e como memória e subjetividade acabaram se conectando a produção intelectual e política de Lélia, trazemos a afirmação de Ecléa Bosi de que: “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações”. BOSI, 1994, p.17

E ainda segundo a autora, a narração está entrelaçada a memória; “é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma”. BOSI, 1994, p.36

No ano de 1986, Lélia Gonzalez concedeu uma entrevista ao Pasquim, que veio a ser publicada no mês de março e, uma das perguntas feitas pela repórter Maria Teresa, tornou -se o ponto de partida para a narrativa de Lélia sobre si mesma.

MARIA TERESA: Você disse que uma mulher se torna, não nasce.

Como é que você se tornou Lélia Gonzalez?

LÉLIA GONZALEZ: Eu venho de uma família de baixa renda. Meu pai era ferroviário, minha mãe era uma índia domesticada, uma mulher extraordinária a quem eu devo muito e com uma percepção incrível. Eles tiveram dezoito filhos, eu sou a penúltima dessa família. Eu tive a vantagem de fazer parte da última leva, e um irmão meu foi jogar futebol e teve a sorte de conseguir ser contratado pelo Flamengo e cresceu no futebol carioca e no futebol nacional, e assim ele pôde trazer a família para o Rio Janeiro. GONZALEZ, 2020, p. 39

⁴ Até o presente momento conversamos com duas ativistas políticas de influência no cenário político institucional: as vereadoras Macaé Evaristo (PT/Belo Horizonte-MG) e Dandara Tonantzin (PT/Uberlândia-MG). No entanto, as falas ainda se encontram em processo de transcrição.

Lélia ativa através da memória elementos de sua construção familiar, tais como a condição de classe e a identidade étnico-racial de seus pais que vem a ser problematizadas posteriormente através de sua produção intelectual, em categorias como *amefricanidade* e *pretuguês*.

Em boa parte de seus textos a autora dialoga com os clássicos autores da historiografia brasileira, transgredindo o pensamento hegemônico que vigorava no referido período, ao defender que as desigualdades estruturais do país eram, em grande parte, influenciadas pelas condições de classe, raça e sexualidade, sem a sobreposição de uma categoria em relação a outra, como defendia a literatura clássica.

Ainda sobre a construção de sua trajetória, a narrativa de si torna-se também um elemento importante que acaba reverberando em sua produção política e intelectual, a partir de seus relatos que revelam o modo como durante parte relevante da sua vida, experienciou um processo de embranquecimento, rompido com a tomada de consciência de si, o tornar-se “mulher negra”: “eu parti pra minha negritude, pra minha condição de negra. E comecei a verificar que a grande ilusão da ideologia do branqueamento é o negro pensar que é diferente dos outros negros, você cria uma cortina ilusória. GONZALEZ, 2020, p.321-322

Sobre a importância da narrativa de si, em seu artigo *Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens*, Gonçalves (2012) aponta a seguinte questão:

A narração da própria vida como construção do self e construção do mundo encontra-se nas mais variadas formações culturais. A narrativa sobre si incide, sobretudo, na noção de pessoa construída culturalmente: uma pessoa culturalmente constituída é ela mesma objeto, também, de modelos convencionados pela cultura de se ter acesso a estas narrativas sobre si que veiculam os acontecimentos a uma história sociocultural. Gonçalves, 2012 p.21

E continua:

Ainda com relação a narrativa “é o narrador que, em última instância, decide o que é relevante ou não para ser tomado como fundamentação de sua narrativa, sobretudo o modo como organiza os eventos e o modo

com que se pronuncia ou silencia sobre determinados fatos. Desloca-se assim, o problema de querer apreender uma vida ou escrever uma vida para o modo como se constrói a narração, seja por parte do narrador, do pesquisador ou de ambos. GONÇALVES, 2012, p. 23

Isto posto, o “falar sobre si” implica o entrelaçamento de afetos e memórias que conduzirão a narrativa a pontos nodais que, por necessidade e interesse do narrador, poderão ser ativados. E neste processo de fala, ou de escrevivência, parafraseando Conceição Evaristo (2012), ocorre uma afetação a partir dos lugares de fala do pesquisador e de seus interlocutores.

Esta afetação conduzirá o processo de escrita do trabalho antropológico. É neste sentido que partimos da premissa de que, falar sobre os outros é também falar sobre si mesmo, considerando a subjetividade e o saber situado do pesquisador; e aí nos deparamos com um terceiro “sujeito da pesquisa”.

Falar sobre os “outros” e falar com os “outros”: Sujeitos interlocutores da pesquisa.

Escrevo esta pesquisa do lugar situado de mulher, mãe solo e pesquisadora que, após concluir a dissertação de mestrado, passou pelo desafio de alguns processos seletivos (três, precisamente) até por fim retornar ao universo da produção científica, compartilhando o tempo de pesquisa com a maternidade e com o trabalho doméstico e externo.

O desafio da temporalidade e da tripla jornada na prática, impõe a nós mulheres a necessidade de ressignificar o tempo da pesquisa e da escrita⁵, problema este que se tornou exposto pela pandemia⁶ e deixou a mostra a partir dela, uma questão estrutural de nossa sociedade: a divisão assimétrica das funções sociais atravessadas pelo binarismo masculino/feminino, visto que, a parte o elevado índice de violência contra as mulheres,

⁵ Sobre esta questão temo o brilhante ensaio de Virgínia Woolf, *Um teto todo seu*. WOOLF, Virgínia. Um teto todo seu. São Paulo, Lafonte, 2020

⁶ Iniciamos esta pesquisa um mês antes do decreto oficial sobre estado de pandemia, em março de 2020 e, desde então, tivemos que ressignificar o tempo e os caminhos metodológicos do trabalho, bem como conciliar o tempo de pesquisa e escrita com as diversas tarefas impostas pelo cotidiano, fato que afetou a produção e de muitas mulheres cientistas no Brasil. Ver: Mulheres cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade vol. I. Disponível em : https://drive.google.com/file/d/1OoYSpvRnBgP3SJmx7T4qBJ_6cKGx620z/view

apresentado durante o período pandêmico, vemos na prática que, embora com todas as conquistas proporcionadas pelas lutas feministas, ainda temos um longo (e árduo) caminho a percorrer até que cheguemos a uma divisão mais justa e igualitária do trabalho em sua totalidade.

Do lugar de autora e leitora, busquei também na literatura uma forma de interlocução que acabou se tornando um dos esteios deste trabalho. Neste contexto, me conectei a diferentes mulheres: lendo Ponciá Vicêncio (ano), me encontrei com Conceição Evaristo e com nossas mesmas raízes do interior rural, visitei novamente a Carolina de Jesus (ano), sempre solícita ao abrir a porta de seu “Quarto” (de Despejo) nos momentos mais duros que a vida exige, e de lá me afetei com a realidade da mãe que cuidou de três filhos, um dia de cada vez, sem saber como e, se teria alimento para os próximos dias que viessem.

Olhando do quarto de Carolina, vimos que sua dura realidade se tornou a realidade instaurada para muitas mulheres (e para as mulheres negras ainda mais), no país que a política de Bolsonaro fez regressar ao grande mapa da fome e também da morte a partir de sua necropolítica.

Encontrei em Chimamanda (2019) a importância da plurivocidade e os perigos de uma história única, crítica que foi reforçada anteriormente por Lélia Gonzalez, a principal interlocutora deste trabalho que já nos idos anos 70 e 80 falava sobre a importância de reescrevermos nossa história, dando ênfase as diversidades que foram ceifadas pela fala do colonizador.

Conexões que me exigiram abstração e ao mesmo tempo ressignificaram o olhar para a realidade e para a própria pesquisa, ressaltando a importância das subjetividades presentes na produção científica.

Isto posto, consideramos o conceito de “autonomeação” destacado no feminismo negro por intelectuais como Djamila Ribeiro e Patrícia Hill Collins, que propõem uma produção intelectual situada, nomeada em primeira pessoa a partir da experiência vivida e da visão de mundo da pesquisadora em dialogia com o tema pesquisado.

A clássica dicotomia entre sujeito e objeto dá lugar a interlocução, a “escrevivência” (Evaristo,s,d), que gera um amálgama entre os dois polos em questão:

nossas pesquisas são localizadas a partir de nossas vidas.⁷ Não há portanto, cisão ou neutralidade trata-se, da produção de saberes a partir de nosso “lugar de fala”. (Ribeiro, 2017)

Lugar de fala e autonegação se conectam a pesquisa biográfica, de modo fundamental, uma vez que a construção de uma narrativa sobre si é um processo de tornar-se sujeito, o que muito importa sobretudo para o pensamento feminista negro.

Ainda recorrendo a nossa interlocutora principal, Lélia Gonzalez:

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. GONZALEZ, 1984, p.225.

Deste modo, a narrativa biográfica passa a ocupar o lugar da construção de conhecimento sendo o próprio/própria narrador/narradora produtor/ produtora de saberes e não apenas o objeto a ser pesquisado. Temos a partir de então o rompimento com a dicotômica anteriormente assinalada.

Como aponta Grada Kilomba:

⁷ Donna Haraway argumenta em favor da importância da crítica feminista para a produção científica, em contraponto a concepção masculina do conhecimento; antropocêntrico, ocidental e burguês, sendo este o ponto nodal de constituição da ciência moderna, atrelado a visão como o sentido humano mais importante, instrumentalizado pelo conhecimento: Las feministas no necesitan una doctrina de la objetividad que prometa trascendencia, una historia que pierda la ~ista de sus mediaciones en donde alguien pueda ser considerado responsable de algo, ni un poder instrumental ilimitado. No queremos una teoría de poderes inocentes para representar el mundo, en la que el lenguaje y los cuerpos vivan el éxtasis de la simbiosis orgánica. Tampoco queremos teonzar el mundo y, mucho menos, actuar sobre él en términos de Sistema Global, pero necesitamos un circuito universal de conexiones incluyendo la habilidad parcial de traducir los conocimientos entre comunidades muy diferentes y diferenciadas a través 'del poder. Necesitamos el poder de las teorías críticas modernas sobre cómo son creados los significados y los cuerpos, no para negar los significados y los cuerpos, sino para vivir en significados y en cuerpos que tengan una oportunidad en el futuro., HARAWAY, 1991, p.322

bell hooks usa estes dois conceitos de “sujeito” e “objeto” argumentando que sujeitos são aqueles que “tem o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades de nomear suas histórias” (hooks, 1989, p.42). Como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles sujeitos”. (hooks, 1989, p.42) Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e legitimada/o e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada.” (KILOMBA, 2012 p.28)

Kofes e Manica definem as biografias enquanto “dispositivos para criar pessoas, personalidades, santos, heróis e fracassados ou, ainda, incorporar ideias e valores – ideologias e moralidades – em vidas concretas, considerando-as como passíveis de serem expandidas (...) KOFES, MANICA 2015, p.36

Cria-se assim um fazer científico de mão dupla, ou seja, a produção epistêmica torna-se condizente com o olhar do sujeito da pesquisa e da mesma forma, o que se teoriza e nomeia são as práticas e as experiências vivenciadas pelos mesmos.

Trata-se aqui de uma ruptura com o antropocentrismo e com o androcentrismo e a produção de conhecimento torna-se relacional; deixando a universalidade ou a unicidade das categorias e buscando nas diversidades novas formas de saberes.

É neste contexto que no processo de desenvolvimento desta pesquisa há a imbricação entre três sujeitos interlocutores que darão forma a estes entrecruzamentos biográficos: são eles: Lélia Gonzalez cuja voz tomamos como referência teórica e metodológica, as ativistas atuantes na política institucional e a pesquisadora, que escreve do lugar situado também e “ativista intelectual”, pois pressupõe que a pesquisa acadêmica é também politicamente engajada.

E neste enredo polifônico transferimos o conceito de escrita para o de grafia, ou grafias e seguimos o caminho da plurivocidade na antropologia (KOFES, 2020).

Referências

ADICHE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENVENISTE, Annie, "Relato de si mesma, escritura del otro", *Raíces Suspendidas: estéticas y narrativas migrantes desde una perspectiva de género*, C. Castellano (Coord.), Guadalajara, Editorial Universitaria, CUT, 2018.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças dos velhos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo. A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <<http://www.bibliotecafeminista.org.br/>> acesso em: 02/04/2022.

_____ (1993). "A Organização Nacional das Mulheres Negras e as Perspectivas Políticas". Cadernos Geledés, n 4, primavera.

CIOUX, Helène. O riso da medusa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019

DURAS, Marguerite. Escrever. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>. Acesso em: 18/04/2022

_____ Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte, Mazza, 2003.

FAVRET-SAADA, Jeanne Ser afetado. In:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/3476/serafetado.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em: 05/05/2022

GONÇALVES, MARCO A. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: Etnobiografia: subjetivação e etnografia.

GONÇALVES, M. A; MARQUES, R.; CARDOSO, V, Z. (ORGS) Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora LTDA. 2012

GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: O lugar da mulher- Estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal. 1982.

_____ Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco zero, 1982.

_____ As amefricanas do Brasil e sua militância. Jornal Maioria Falante. Ano 2, n° 7, maio/junho, 1988.

_____ “Lélia fala de Lélia”. In Revista Estudos Feministas, Florianópolis, n.2, 1994

_____ De Palmares as escolas de samba, tamos aí. In: Jornal Mulherio. [s.l] jan/fen 1982.

_____ A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. In: Jornal Raça e Classe, [s.l] ano 1 n.2, agosto de 1987.

_____ Racismo e sexismo no Brasil. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

_____ Por um feminismo afro-latino americano. in: Por um feminismo afrolatinoamericano. RIOS, Flávia. LIMA, Márcia. Orgs. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

_____ Nanny: pilar da amefricanidade. in: Por um feminismo afro-latino americano. RIOS, Flávia. LIMA, Márcia. Orgs. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

HARAWAY, Donna. Ciencia, cyborgs y mujeres La reinención de la naturaleza . Madrid: Feminismos, 1991.

JESUS, Carolina Maria de Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo, Editora Ática, 2019.

KILOMBA, Grada. Plantation memories: episodes of everyday racism. Münster: Unrast Verlag, 2012. Disponível em: https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada_2010_plantation-memories.pdf. Acesso em: 15/08/2021

KOFES, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: Suely Kofes & Daniela Manica (org). Vidas & Grafias. Narrativas antropológicas: entre biografia e etnografia. RJ: Ed. Lamparina/Faperj, 2015.

_____. As grafias – traços, linhas, escrita, gráficos, desenhos - como perturbação no conhecimento antropológico in: R@U, 12 (2), jul./dez. 2020: 12-26

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. In: CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia. A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez Magalhães. (org.) Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. 447 p. v. 11. (Coleção UNIAFRO).

_____. Lélia Gonzalez. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Retratos do Brasil Negro)

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais)

SANTOS. Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. In: Estudos Avançados. vol.2 no.2 São Paulo Maio/Agosto. 1988

VIEZZER, Moema, “Se me deixam falar...” Domitila: depoimentos de uma mineira Boliviana, São Paulo, Símbolo, 1976.

WOOLF, Virgínia. Um teto todo seu. São Paulo, Lafonte, 2020

XAVIER, Giovana. Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história. Rio de Janeiro: Malê, 2019.